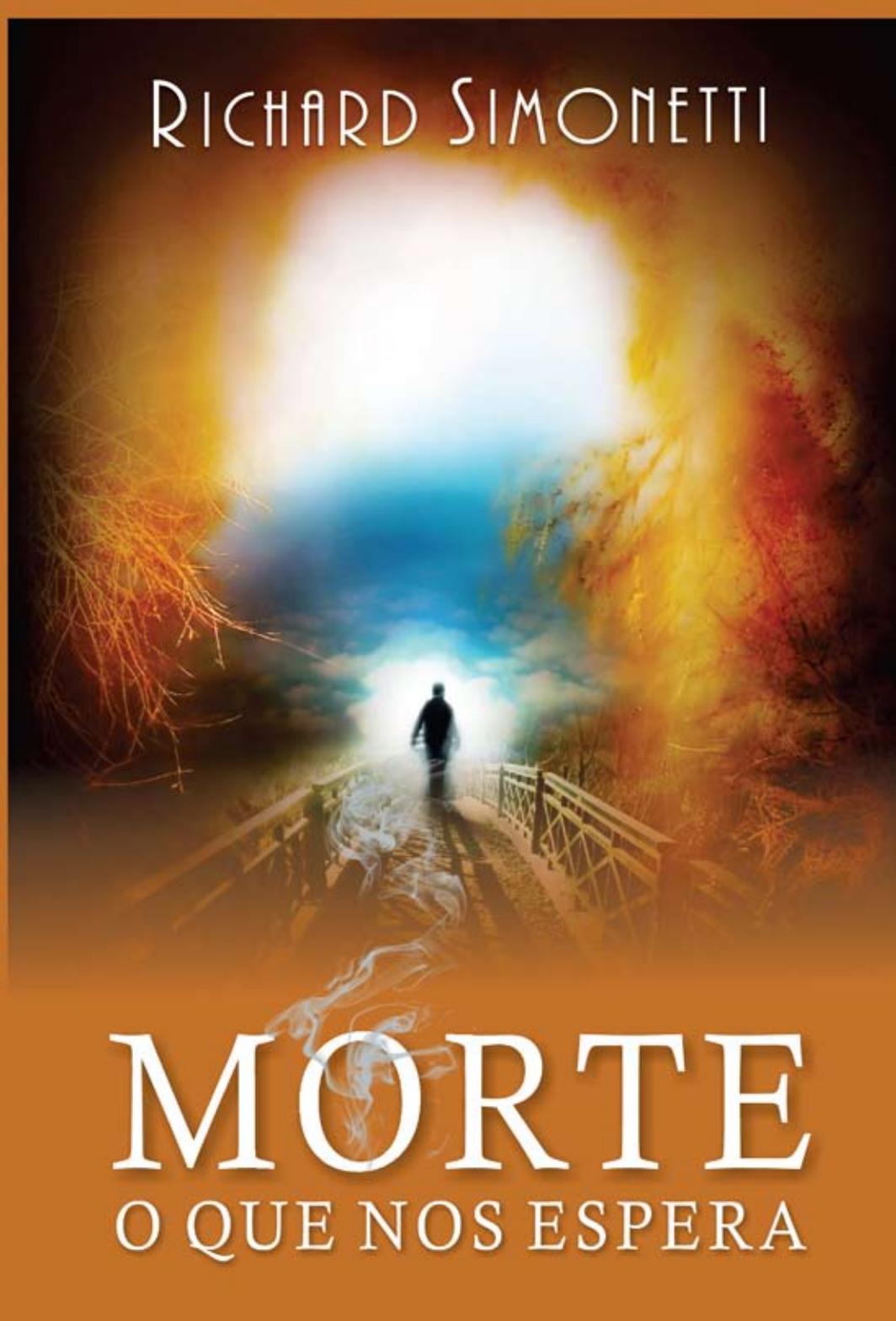


RICHARD SIMONETTI

The cover features a central image of a person walking away on a wooden bridge. The bridge is flanked by trees with vibrant autumn foliage in shades of orange, red, and yellow. The background is a bright, ethereal light that transitions from a warm orange at the bottom to a cool blue at the top, suggesting a path to an afterlife or a spiritual journey. The overall mood is contemplative and serene.

MORTE
O QUE NOS ESPERA

Apresentação

INDAGAÇÃO OPORTUNA

Convidado a participar de seminário sobre O Céu e o Inferno, uma das obras básicas da Doutrina Espírita, coube-me abordar a segunda parte, onde Allan Kardec transcreve e comenta sessenta e sete manifestações de Espíritos em variadas situações no mundo espiritual, que ele divide em sete grupos:

Espíritos felizes.

Espíritos em condições medianas.

Espíritos sofredores.

Suicidas.

Criminosos arrependidos.

Espíritos endurecidos.

Expiações terrestres.

Ao estudar detalhadamente aquelas manifestações, dever elementar de quem se arvora em transmitir conhecimento, deparei admirável painel do que nos espera quando a morte recolher-nos nos caminhos da Vida, reconduzindo-nos à pátria espiritual, onde prestaremos contas a um juiz severo, justo e incorruptível – nossa consciência.

Desde entidades sublimadas a criminosos empedernidos, temos naquelas páginas vasto painel a mostrar-nos as consequências de nossas ações na paisagem terrestre, exatamente de conformidade com a advertência de Jesus: a cada um segundo suas obras.

Não cheguei a participar do referido seminário, em virtude de problemas de saúde, porém o estudo realizado forneceu-me subsídios para abordagem ampla daquelas comunicações, o que deu origem a este livro.

Perguntará o leitor se os comentários de Kardec não são suficientes para nosso esclarecimento e edificação.

Sem dúvida, nem pretendo dispensá-lo da indispensável apreciação de O Céu e o Inferno, bem mais abrangente e esclarecedora.

Acredito, porém, que o Codificador não se agitará na sepultura com meu atrevimento, atentando ao objetivo de contextualizar as mensagens e seus sábios comentários, aplicando-os às necessidades do presente, nestes tempos conturbados em que as pessoas envolvem-se em demasia com o imediatismo terrestre, ignorando que não estamos aqui em jornada de férias.

Há extenso programa de realizações resumidas no esforço do bem e da verdade, que nos compete cumprir.

Se algo deva ser enfatizado nesse painel portentoso do que nos espera, eu destacaria a manifestação de Espíritos que não foram maus, mas também não foram bons, indiferentes

às aquisições espirituais, empenhados em sustentar o próprio bem-estar, sem preocupações com os objetivos da existência humana.

Espíritos assim constituem a maior parte da Humanidade. Colhem no mundo espiritual as consequências de sua displicência, em amargas decepções.

Uma perguntinha, caro leitor:

Se você fosse convocado hoje pela morte, poderia dizer que deixaria o mundo melhor do que quando aqui chegou?

Por extensão, estará em condições espirituais que o habilitem a retornar vitorioso à pátria verdadeira, com pleno aproveitamento das oportunidades de edificação da jornada humana?

Espero que estas páginas o estimulem a pensar nisso, partindo de elementar princípio: devemos nos concentrar no que viemos fazer para não lamentarmos mais tarde o que não foi feito.

Bauru, maio de 2016.

e-mail: richardsimonetti@uol.com.br

site: www.richardsimonetti.com.br

ESPÍRITOS
FELIZES

TERRA LEVE

Na câmara mortuária, portas fechadas, um grupo de pessoas se reúne diante do caixão que abriga um cadáver à espera do sepultamento.

É feita a evocação do morto, uma cena que poderia figurar em filme de terror, voltado para o macabro e o insólito, sempre passíveis de assustar os espectadores. As pessoas trazem um atavismo psicológico que lhes inspira irracional medo de cadáver e caixão.

Não deveria ser assim. Afinal, o corpo inerte é apenas a veste carnal de alguém que se foi, e a urna funerária situa-se por simples caixa de madeira forrada de cetim.

Não havia nenhum ritual satânico naquela reunião, presidida por ninguém menos que Allan Kardec, em companhia de um médium e de participantes da Sociedade Espírita de Paris.

Atendam a apelo do finado, em correspondência antes de seu falecimento.

Tratava-se de Sanson, antigo membro da instituição, que falecera em 21 de abril de 1862, após um ano de dolorosos padecimentos.

Seu ardente desejo, expresso em correspondência: ser evocado o mais breve possível, após o óbito, a fim de dar testemunho de imortalidade, desde que assim fosse permitido por seus mentores espirituais.

A iniciativa, conforme seu parecer, haveria de ensejar oportuna pesquisa sobre a morte, mais especificamente o que acontece quando o cidadão *bate as botas*.

Poderia ser efetuada em sucessivas manifestações, a começar daquela junto ao corpo em decúbito dorsal.

Atendido seu apelo, temos o seguinte diálogo entre Sanson e Kardec, após sua evocação na câmara mortuária, em 23 de abril de 1862.

Sanson revela-se:

– *Atendo ao vosso chamado para cumprir a minha promessa.*

– *Meu caro Sanson, cumprimos um dever e sentimos prazer ao vos evocar o mais cedo possível após a vossa morte, como era do vosso desejo.*

– *É uma graça especial de Deus que permite ao meu Espírito poder comunicar-se. Agradeço a vossa boa vontade, mas estou fraco e tremo.*

– *Sofrestes tanto que podemos, segundo penso, perguntar como estais agora. Sentis ainda as vossas dores? O que sentis ao comparar a vossa situação presente com a de há dois dias?*

– *Minha situação é bem feliz, pois nada sinto de minhas antigas dores. Estou recuperado e renovado, como costumais dizer. A transição da vida terrena para a vida espiritual devia me tornar tudo incompreensível, de início, pois às vezes permanecemos muitos dias sem recobrar a lucidez. Mas, antes de morrer fiz a uma prece a Deus pedindo-lhe que me permitisse falar aos que quero bem. E Deus me ouviu.*

– *Quanto tempo levastes para recobrar a lucidez mental?*

– *Oito horas. Deus, repito, me havia dado uma prova da sua bondade. Julgou-me bastante digno e jamais poderei*

agradecer-lhe como devo.

– Estais bem certo de não pertencer mais ao nosso mundo? Como o constatastes?

– Oh! Claro que não sou mais do vosso mundo. Mas estarei sempre perto de vós para vos proteger e vos sustentar na pregação da caridade e da abnegação que orientaram a minha vida. Além disso, ensinarei a verdadeira fé, a fé espírita que deve elevar a crença do justo e do bom. Sinto-me forte, bastante forte. Numa palavra, estou transformado. Não reconhecereis mais o velho inseguro que devia afastar-se de tudo, abandonando qualquer prazer e alegria. Sou Espírito. Minha pátria é o espaço e o meu futuro é Deus que irradia pela imensidade. Queria muito falar aos meus filhos para lhes ensinar o que eles sempre mostraram má vontade de acreditar.

O diálogo é mais extenso, desdobrando-se em outras manifestações ao longo dos dias, com Sanson oferecendo detalhes sobre o desligamento do Espírito e sua readaptação à vida espiritual.

São temas que exigem nossa atenção, porquanto todos, invariavelmente, vestiremos, um dia, o *paletó de madeira* e passaremos pela experiência do retorno.

Não é por acaso que dificilmente vemos a manifestação de espíritas em reuniões de auxílio a desencarnados em perturbação.

Noções como essas que a Doutrina Espírita oferece representam o bê-á-bá da morte, favorecendo nossa adaptação à vida espiritual.

Só não podemos esquecer a observação de Jesus (Lucas, 12:48):

*A qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá,
e ao que muito se lhe confiou muito mais se lhe pedirá.*

Se poucos são os espíritas que se manifestam inconscientes de sua situação, muitos são os que lamentam não terem correspondido às expectativas da espiritualidade, ante as benesses recebidas.

Sanson não se enquadra em nenhuma dessas duas possibilidades, porquanto, espírita consciente e esclarecido, pontificou durante a existência humana no campo do bem e da verdade.

Daí a merecida assistência, numa transição tão tranquila que lhe permitiu em poucas horas manifestar-se, expondo oportunos detalhes sobre o assunto.

Durante a cerimônia de sepultamento, Sanson transmitiu algumas palavras de consolo e esperança, mas também de sutil advertência quanto aos cuidados com nossa vida, a fim de que o retorno à espiritualidade não nos reserve penosas surpresas:

*Que a morte não mais vos atemorize, meus amigos.
Ela é para vós apenas uma etapa, se bem souberdes
viver.*

*É uma felicidade, se a tiverdes merecido dignamente,
cumprindo bem as vossas provas.*

Repito: coragem e boa vontade!

Não deis mais do que um medíocre valor aos bens terrenos e sereis recompensados.

Não se pode gozar muito, sem roubar o bem-estar dos outros, praticando moralmente um imenso mal.

Que a terra me seja leve!

Os romanos inscreviam nos túmulos a frase *sit tibi terra levis*, a terra lhe seja leve, referindo-se ao fato de que aos mortos devemos perdoar suas faltas.

Sanson aplica o princípio a si mesmo – que o perdoem por algum mal que tenha causado, em evidente demonstração de humildade, porquanto, vivenciando os princípios espíritas cristãos, só o bem espalhou ao redor de seus passos.